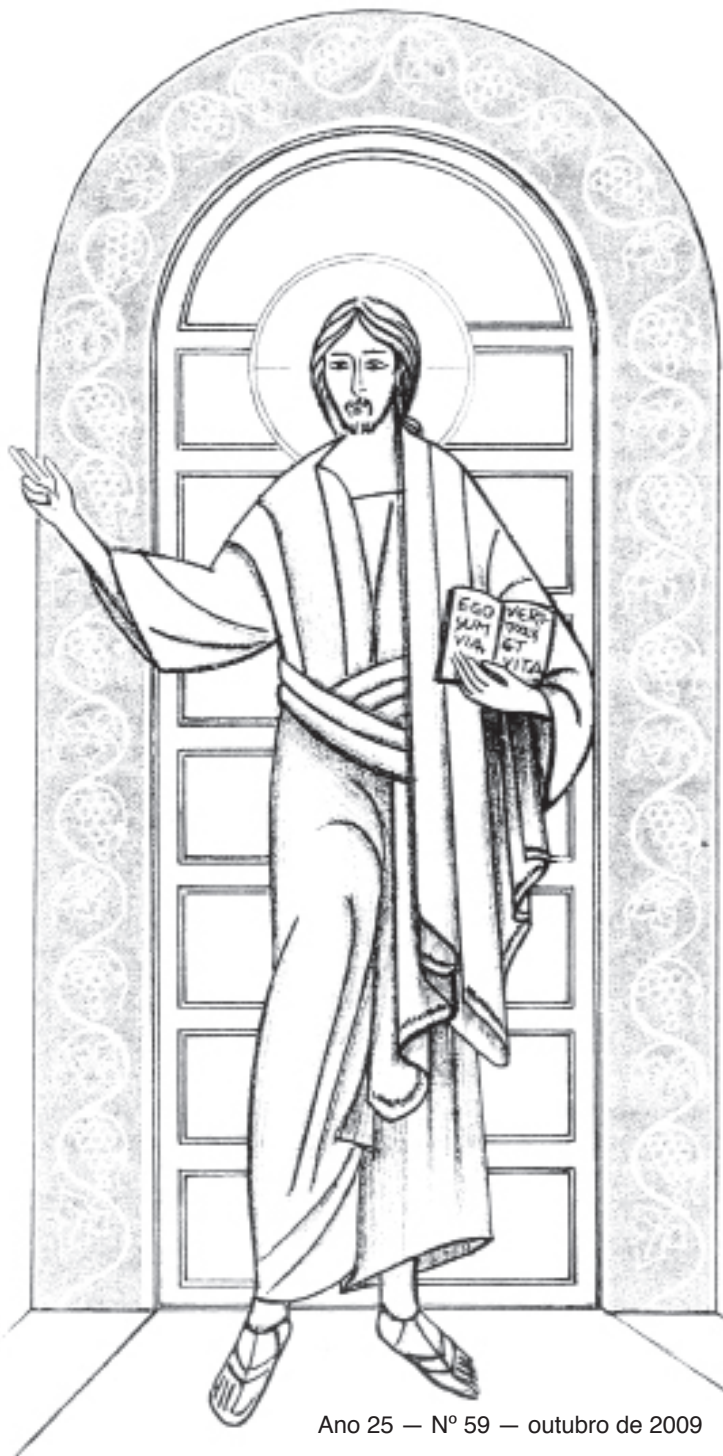


FAMÍLIA PAULINA

CENTRO DE ESPIRITUALIDADE



## **Capa**

Ir. Laíde Sonda, pddm

O desenho da capa traduz o cerne da espiritualidade da Família Paulina: Jesus Mestre (livro, mão direita) e Pastor (porta), Caminho, Verdade e Vida (texto do livro aberto). O próprio Jesus se apresenta como porta (João 10,7b) aberta, em oposição à porta fechada (fundo do desenho) que impede às ovelhas sair para a liberdade e a vida. A videira recorda uma das utopias concretizadas das comunidades joaninas, ou seja, formar comunidades de iguais em que o único *status* que iguala a todos é a união com Jesus (ramos unidos à videira) e a produção de frutos (missão).

## **Equipe de Espiritualidade**

Antônio Lúcio da Silva Lima (Paulino – São Paulo)

Valdecir Pereira Uveda (Paulino – Caxias do Sul)

Maria Inês Carniato (Paulina – São Paulo)

Maria Aparecida Batista (Discípula – São Paulo)

Lídia Natsuko Awoki (Discípula – Caxias do Sul)

Luiza dos Santos (Pastorinha – São Paulo)

Inês Postal (Pastorinha – Caxias do Sul)

Susana Santa Catarina (Apostolina – São Paulo)

## **Texto**

Apêndice do livro “*O Mestre*” de Brian Grenier, PAULUS, 1998, pp. 147-197.

# DISCÍPULOS/AS COMO PAULO

*Pe. Angelo Colacrai, ssp*

*“Tenho a certeza de ter substancialmente ensinado aquilo que Deus queria: do espírito até a administração econômica.”*

(Tiago Alberione [1884-1971], fundador da família paulina; abril de 1951).

## 1. O DISCIPULADO HOJE<sup>1</sup>

“A criação, a promessa do redentor, a encarnação, a vida de Jesus Cristo, a obra da Igreja, a nossa santificação e a vida futura no Céu, tudo isso tem um fio condutor: no centro está Jesus Cristo Caminho Verdade e Vida; no final a glorificação de Deus: uno na natureza e trino nas pessoas” (Tiago Alberione, p. 325).<sup>2</sup>

### *1. De discípulos/as a apóstolos/as*

A partir dos anos 1914-1915, houve pelo menos um homem na Igreja que considerou prioridade existencial para si, e testamento carismático para a sua família, o mandamento apostólico do Mestre no final dos últimos dias de Páscoa, antes de ascender à casa do Pai. Jesus deu aos onze um encargo que orientaria toda a sua vida, transformando-os de pescadores de peixes em pescadores de homens (Mt 4,19 // Mc 1,17). Seu ofício leigo é assim mudado em ministério

<sup>1</sup> Este capítulo e os dois seguintes foram escritos por Ângelo Colacrai, a título de complemento e atualização das duas partes anteriores inteiramente de autoria de Brian Grenier. No conjunto, estes três capítulos, acrescentados somente à edição italiana da obra, tratam do Padre Tiago Alberione, que no século XX viveu e colocou de forma nova a espiritualidade de “Jesus o Mestre, Caminho Verdade e Vida”, que para ele devia ser seguida como um método de vida, com a fidelidade de um discípulo particular como é Paulo apóstolo.

<sup>2</sup> Citação de VV.AA., *L'eredità cristocentrica di Padre Alberione*, San Paolo, 1989.

de graça: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei” (Mt 28,19). O mandamento *ensinando* (em grego *matheteusate*) poderia ser entendido pelos apóstolos (em grego *mathetai*) como o poder de tornar toda criatura como eles. O discípulo/a torna-se assim verdadeiro, ou maduro, como apóstolo, isto é, quando está fora das portas, enviado, a caminho (em latim, *via*), como seu Mestre.

## 2. Professores de hoje

“Alvorada é o princípio do dia que avança e alcançará o seu resplendente meio-dia. A obra de evangelização da família paulina aqui [na cidade de Alba] [Alvorada] teve sua Alvorada, ou princípio, que está progredindo, e com a imprensa, o cinema, o rádio e a televisão serve a Igreja na obra que o Divino Mestre lhe confiou: ‘Ide, portanto, ensinando [todas as nações]’” (Alberione, julho de 1954).

Os textos que citamos acima foram ditos e escritos por Tiago Alberione<sup>3</sup> em circunstâncias diversas, mas sempre com referência a Jesus “Mestre”.

<sup>3</sup> Nascido em 9 de abril de 1884, num povoado da comarca de Fossano, na província de Cuneo, no Piemonte. Entrou no seminário primeiramente em Bra, na diocese de Turim, e posteriormente em Alba. Foi ordenado sacerdote no dia 29 de junho de 1907 e corou os estudos do seminário com o doutorado em Teologia Sacra na Faculdade São Tomás de Aquino em Génova. De 1908 a 1914 dedicou-se às mais variadas atividades, sendo a alma de todos os movimentos apostólicos da diocese de Alba. Em 1913 recebeu do bispo o encargo de dirigir o semanário diocesano *Gazzetta d'Alba*, do qual logo se tornou proprietário. No ano seguinte, com a ajuda de alguns rapazes, abriu em Alba uma pequena escola de tipografia, núcleo da futura congregação religiosa da Sociedade de São Paulo para o apostolado da boa imprensa, e mais tarde, dos “instrumentos mais rápidos e eficazes de comunicação e de progresso”. Como fundador e “Primeiro Mestre”, Padre Alberione exerceu sua atividade a partir de 1914 e ininterruptamente até o dia da sua morte, ocorrida em Roma no dia 26 de novembro de 1971, assistido até alguns momentos antes pelo papa Paulo VI. Por obra de Padre Alberione, depois da Sociedade de São Paulo surgiram diversas congregações femininas. A primeira de todas a Sociedade Filhas de São Paulo (Paulinas), em 1915, e sucessivamente as Pias Discípulas do Divino Mestre, as Irmãs de Jesus Bom Pastor, as Irmãs da Rainha dos Apóstolos. Deu origem também a 4 institutos agregados, 2 masculinos e 2 femininos, que agora completam a família paulina, que é unida por uma mesma espiritualidade e está presente em mais de 50 países nos cinco continentes.

O qualificativo de “Mestre”, em especial, era considerado por Tiago Alberione o mais importante para Jesus, pois historicamente descreve sua principal atividade durante a vida pública, e a seguir, a sua continuidade no magistério da Igreja. Aliás, Jesus não fora nem “pastor” nem mesmo sacerdote no sentido literal. Estas são ricas e belas metáforas de seu ministério. Mas ele havia realmente ensinado e formado um grupo de discípulos aos quais instruía com a palavra de Deus. Havia fundado uma escola de verdade para a humanidade.

“Que toda a piedade e a formação – escreverá Tiago Alberione – se componha e se substancie de Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida. Que todo o apostolado esteja voltado para dar ao homem Jesus Mestre Caminho, Verdade e Vida” (VV.AA, p. 326).

Referências como esta (intencionalmente evocando Jo 13,13-14 – o lava-pés), nas aproximadamente 50 mil páginas de escritos de Alberione, são milhares. Mostram antes de mais nada como ele próprio, que se fazia chamar “Primeiro Mestre”, se considerava discípulo autêntico de Jesus no século XX. Demonstam além disso que a *pessoa* do Mestre tem maior significado e importância do que a *doutrina* ou o saber teológico.

“Discípulas” e “discípulos”, como “mestras” e “mestres”, são figuras reais e títulos comuns entre os membros tanto masculinos quanto femininos da família, cuja espiritualidade pode ser sintetizada como disciplina, ou melhor ainda, como “escola” ou formação permanente, partindo sempre da *relação* fundamental “Mestre-Discípulos/as”. A esse respeito, Tiago Alberione falava frequentemente e de bom grado de “método”, termo significativo que examinaremos no próximo capítulo.

Já no título de “discípulo/a” que, pela sua natureza, ao amadurecer, se torna “apóstolo”, tende a desaparecer toda e qualquer distinção hierárquica entre homens e mulheres, como entre padres e leigos. Mas aqui o ensinamento que Alberione tende a adotar é aquele de Paulo (cf. Gl 3,28). A síntese, também na vida religiosa ou eclesial, não está em primeiro lugar na fidelidade a uma hierarquia quanto no

discipulado aos pés do único Mestre. Ainda segundo as palavras de Paulo, já não está em Pedro nem em Paulo, mas em Cristo a referência principal (1Cor 3,21-22).

Aprofundaremos e esclareceremos mais adiante este currículo da liberdade religiosa.

### 3. A formação

O tema “Jesus, o Mestre” é, pois, matéria preciosa de estudo, no currículo dos formadores da Sociedade de São Paulo em particular e da família paulina em geral, da liberdade paulina (cf. Rm 8,21; Gl 2,4) – liberdade essa que poderia ser descrita como a capacidade paulina de não ceder aos sábios deste mundo (cf. 1Cor 1,27 com 3,19). Capacidade de liberdade significa também se tornar pessoas evangelicamente libertadoras no mundo onde se vive.

Como ponto de chegada de uma formação apostólica paulina, a liberdade-verdade é aquela da palavra, ou de saber comunicar, isto é, “anunciar” (em grego *evangelizo*) ou “proclamar” (em grego *kerusso*), e não impor como uma lei, todo o evangelho, e somente ele, com a própria coragem ou capacidade de dizer tudo (em grego: *parresia*) do Mestre, quer diante de amigos, quer de inimigos (cf. Ef 6,19), em tempo oportuno ou inoportuno (2Tm 4,2). Apóstolo é somente aquele discípulo consciente de se tornar mensageiro e mensagem de paz messiânica, que governa o reino de Deus.

### 4. O Bom Pastor

Numa reunião paulina,<sup>4</sup> recentemente realizada em Ariccia, perto de Roma, uma das propostas elaboradas pelos participantes e

<sup>4</sup> Na Casa Divino Mestre de Ariccia (Roma), de 13 a 24 de outubro de 1996, foi realizado um seminário internacional exatamente sobre “Jesus o Mestre”. Participaram cerca de sessenta pessoas provenientes ou representantes das seguintes nações: Argentina, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Coreia, Equador, Espanha, Estados Unidos, Filipinas, França, Japão, Grã-Bretanha, Índia, Irlanda, Itália, Macau, México, Panamá, Peru, Polónia, Portugal, Venezuela, Zaire.

aprovadas pela assembleia para a formulação do texto-base, ou de uma síntese abalizada, é esta:

“Jesus se apresenta como ‘Mestre’ fazendo-se servo, acompanhando os seus como bom pastor, estabelecendo uma relação vital com o discípulo, dando por todos a vida, permanecendo sempre com eles. No modelo Paulo, discípulo exemplar do Divino Mestre, a família paulina descobre igualmente a dimensão de luta e de cruz que se concretiza no esforço e na solicitude para todos os povos”.

Outra proposta que também tem alcance geral visa a manter unidas espiritualidade e missão, como o discípulo que se faz um com o apóstolo:

“Apóstolo é aquele que se fez discípulo do Mestre a fim de ter condições de dá-lo aos homens. [Cada um de nós] é mestre à medida que, à luz de Cristo Mestre, serve e dá a vida no cumprimento da missão de serviço aos homens e mulheres seus contemporâneos”.

Acrescenta-se, numa breve proposta, que o “serviço da evangelização”, enquanto resposta autêntica ao chamado do Mestre, se realiza na família paulina cultivando a comunicação, levando-a à prática com espírito pastoral ao se adaptar a cada ambiente com visão de futuro.

A nosso ver, estas palavras interpretam bem os ensinamentos de Tiago Alberione sobre a atuação pastoral do Mestre e sobre a necessidade de interpretar seu magistério como terapia ou cura das almas, continuando a crer e a comunicar a sua palavra de salvação.

### *5. O evangelho por texto*

Em texto que bem ilustra a equivalência da pregação escrita – e, por conseguinte, da publicação de textos escritos, como a Bíblia – com a pregação tradicional que é mais oral, Tiago Alberione ensina:

“Por apostolado da edição não se entende simplesmente aquele conjunto de iniciativas que rejeitam aquilo que ofende a moral e a fé cristã ou que se propõe algum ideal particular de bem, mas se entende verdadeira missão que pode ser definida como: pregação da

palavra divina por meio da edição. Pregação da palavra divina, ou seja, evangelização, anúncio da Boa Nova, da Verdade que salva. Pregação que deve ser feita em todo tempo e lugar, segundo o preceito divino: “*Euntes in mundum universum praedicate evangelium omni criaturae*” (Mc 16,15); a todo homem, pois todos possuem inteligência para compreender e se elevar a Deus, uma alma a ser salva. Pregação ainda originalmente feita por meio da edição. Como a pregação oral, a escrita ou impressa divulga a Palavra de Deus; multiplicando-a para fazê-la chegar precisa em toda parte, até onde a palavra não consegue chegar. Isto a exemplo do próprio Deus, que nos deu sua palavra divina nos 73 livros da Escritura Sagrada, e a exemplo da Igreja, que em todos os tempos uniu a pregação oral à pregação impressa” (Alberione, 1950).

Tendo sempre presente na lembrança o fato de que na Igreja primitiva (cf. At 11,26) o nome “discípulo” significa simplesmente “cristão”, ou mais literalmente “consagrado” (“*messiânico*”, em hebraico) e, por conseguinte, “religioso”, em nosso vocabulário atual, Tiago Alberione desejava que o evangelho e as cartas de São Paulo fossem para os seus e para todos o texto-base de formação.

Alguns outros textos esclarecem essa sua proposta:

“A família paulina aspira a viver integralmente o evangelho de Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, no espírito de São Paulo sob o olhar da Rainha dos apóstolos. Nela não há muitas particularidades nem devoções especiais, nem formalidades excessivas: busca-se a vida em Cristo Mestre e na Igreja...”

Segredo de grandeza é modelar-se em Deus, vivendo em Cristo. Por isso sempre claro o pensamento de viver e atuar na Igreja e para a Igreja... de pensar e se alimentar de cada frase do evangelho, segundo o espírito de São Paulo... Todo o homem em Jesus Cristo, para um amor total a Deus: inteligência, vontade, coração, forças físicas...” (Alberione, 1953).<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Estes textos foram extraídos dos escritos de Alberione, *Vademecum*, Ângelo Colacrai (org.), San Paolo, 1992.

“São Paulo se converteu na mente: mudou completamente as ideias. Também nós, para nos convertermos na mente, devemos mudar as ideias. É necessário abraçar as máximas do evangelho” (Alberione, 1946).

“Aconselho-os que leiam um único livro, isto é, a Escritura Sagrada, particularmente o evangelho e São Paulo. Quando vocês começam a considerar os livros de espiritualidade variadas, tenho a impressão de que vão ler romances a respeito de São Paulo com estas espiritualidades, com estas variedades de livros de ascética” (Alberione, 23 de março de 1963).

“O amor ao evangelho é sinal e característica das almas que Deus reserva a grandes empresas” (Alberione, fevereiro de 1933).

## 6. *Todos na escola*

Com estes textos, Tiago Alberione sustenta uma das suas teses de fundo: a família paulina é uma escola ou universidade onde se aprende e se ensina a verdade do único Mestre e onde se é sempre estudante e professor, discípulos e mestres, colegas de estudo para toda a vida. Sobre a natureza evangélica desta espiritualidade paulina, podem-se ler alguns outros ensinamentos do Primeiro Mestre:

“Nada de muitos livros de espiritualidade, não, nem de procurar as escolas de espiritualidade, pois uma é a espiritualidade: viver em Cristo Jesus, Caminho, Verdade e Vida... guardem-se das discussões espirituais, guardem-se das várias escolas de espiritualidade... Há uma só escola de espiritualidade e é aquela que o Senhor lhes deu: em Jesus Cristo Mestre, Caminho, Verdade e Vida” (30 de maio de 1963).

“A paz entre os homens e nos homens se realiza à medida que a humanidade entra na escola de Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida. O Mestre divino abriu esta escola na gruta de Belém, continuou-a em Nazaré, na vida pública, na vida dolorosa, na vida gloriosa, e a continua no Tabernáculo. A mesma escola se perpetua

visivelmente na Igreja que é mestra de fé, de moral, de oração. Quem a segue fielmente se encontra certamente no caminho da paz e da felicidade eterna” (Alberione, 2 de dezembro de 1957).

### 7. *Convivência com oração*

Tiago Alberione coloca toda a sua atenção e cuidado em ensinar uma espiritualidade como caminho da paz e da felicidade individual e comunitária. Com referência a uma oração particular, a qual, pela constituição, todo paulino e paulina deve fazer – a chamada “hora de visita” eucarística, Alberione faz uma descrição evangélica. Trata-se do relacionamento mais íntimo e efetivo entre Mestre-discípulo/a:

“Que haja a visita. É o encontro da alma e de todo o nosso ser com Jesus.

É a criatura que se encontra com o Criador.

*É o discípulo junto ao Divino Mestre.*

É o enfermo com o Médico das almas.

É o pobre que recorre ao Rico.

É o sedento que bebe na Fonte.

É o fraco que se apresenta ao Onipotente.

É o tentado que busca o Refúgio seguro.

É o cego que busca a Luz.

É o amigo que vai ao verdadeiro Amigo.

É a ovelha desgarrada procurada pelo Divino Pastor.

É o coração desorientado que encontra a Vida.

É o tolo que encontra a Sabedoria.

É a esposa que encontra o Esposo da alma.

É o nada que encontra o Tudo.

É o aflito que encontra o Consolador.

É o jovem que encontra orientação para a vida.

Os Pastores no presépio, a Madalena a convite de Simão, Nicodemos que chega no meio da noite.

Os santos diálogos da samaritana, de Zaqueu, de Filipe e de todos os apóstolos com Jesus; especialmente na última semana da sua vida terrena e após a ressurreição.

É a atenção devida àquele que é nosso Hóspede, Parente, Irmão, Salvação.

É o Mestre de fé, de moral, de oração; dever de ir à sua escola...

É o segredo para a nossa transformação em Cristo: *‘Vivit vero in me Christus’*.

É sentir as relações de Jesus com o Pai e com a humanidade...

A vida se transforma em oração, a oração dá a vida” (Alberione, abril de 1960).

Concluindo, neste capítulo falamos principalmente de quatro coisas: a) de Tiago Alberione, que, com a sua vida e a sua pregação, sugere a extraordinária atualidade de Jesus Mestre e um modo moderno de ser um dos seus discípulos; b) de uma disciplina (ou um “método”) particular, que consiste em estabelecer e reforçar diariamente a relação pessoal Mestre-discípulo/a, como uma escola que exige dedicação ao estudo pela vida inteira; c) da necessidade de uma conversão ou transformação profunda de discípulo/a em apóstolo, visando pastoralmente a uma mediação entre Jesus o Mestre, que é o bom pastor e o bom samaritano, e o mundo de hoje; d) de um meio sugerido por Alberione para se viver esta espiritualidade, que consiste na prática pessoal do apostolado da comunicação social mais moderna possível.

Retomaremos este tema mais adiante. Enquanto isso, no capítulo imediatamente seguinte, explicitaremos o “método” de Tiago Alberione, que fez da sua vida um discipulado autêntico no presente na escola do Mestre de sempre (cf. Hb 13,8).

## 2. O MÉTODO “CAMINHO, VERDADE E VIDA”

O método não é “nosso”, não é método reservado, mas é aquele que o Mestre ensinou com a própria vida. Devemos levar o homem inteiro a Deus. Não podemos fazer dele cristão somente na oração ou nas obras. É necessário que o homem viva de Jesus Cristo com todo o seu ser, já que Jesus é o único caminho para ir ao Pai (Alberione, s/d).

No apostolado da edição, se aconselha o método denominado “Caminho, Verdade e Vida”, do trinômio evangélico no qual se apoia... O método “Caminho, Verdade e Vida” se baseia neste princípio fundamental: o homem deve aderir a Deus com todas as suas faculdades: vontade, intelecto, sentimento... segundo Jesus Cristo: *Ego sum Via et Veritas et Vita* [Jo 14,6] (Alberione, 1950).

### 1. *É preciso um método*

Estes textos são claros quanto à necessidade, de acordo com Tiago Alberione, de que todos sigam um método na frequência assídua à escola do Mestre. Poderíamos dizer aqui muitas coisas sobre a importância da formação, ou, no caso de Alberione, sobre a sua motivação, que é justamente “Jesus o Mestre” segundo sobretudo o evangelho de João (cf. 1,38; 3,2; 8,4; 11,28; 13,13-14; 20,16) e o de Mateus (8,19; 9,11; 10,24-25; 12,38; 17,24; 19,16; 22,16; 24,36; 23,8; 26,18).

Na filosofia que Alberione conhecia, se colocava em grande destaque a necessidade de aprender a raciocinar dialeticamente para chegar à verdade. Era necessário articular o pensamento com método “trinitário”, ou em três momentos históricos: a tese, a antítese ou crise e a síntese.

Tiago Alberione escreve:

“Toda verdade tem três momentos históricos: a tese, a crise e a síntese. Hoje muitos são perturbados pela crise. Sintetizar e universalizar quer dizer encontrar Jesus Cristo, a Igreja, a graça. Em Jesus, Caminho Verdade e Vida” (Alberione, 22 de janeiro de 1937).

Alguns anos antes, a propósito do estudo da história, ao qual costumava exortar os discípulos mais jovens, ele escrevia:

“Jovens, na síntese geral da história, tanto pela luz do evangelho como pelo estudo, levantem a cabeça: em milhares de anos se prepara a primícia dos tempos: Jesus Cristo passou como o maior homem da história. Ele agora completa no Espírito Santo o que havia começado: a história, como a nossa vida, desemboçará na eternidade” (Alberione, 1935).

Perto do fim da vida, desejando mandar preparar para os seus uma enciclopédia universal do saber, Alberione ainda exorta a visar à síntese, como encontro de todas as criaturas em uma unidade que deve ser construída *recapitulando* tudo (cf. Ef 1,10) no único Mestre.

“Visar à unidade ou síntese que está toda e somente em Cristo Mestre. É fato que em toda a parte muitos progrediram nos estudos, mas também é fato que as várias ciências se mostram como membros esparsos, entre os quais não se reconhece o parentesco, nem a ordem. É necessário unir esses membros, dando a cada um deles seu lugar e sua função, de modo que resultem em corpo único, cuja cabeça será, não pode ser outro, e deve ser, Jesus Cristo Divino Mestre, em quem está toda a plenitude. Ciência natural que leva à ciência sobrenatural: para abrir a porta à fé nele que é a Verdade, toda a Verdade, a eterna Verdade” (Alberione, 1961).

O método é, portanto, necessário para chegar à síntese superando as distinções e os juízos críticos que visam a separar uma coisa da

outra, e num corpo um membro do outro. A verdade para Tiago Alberione é basicamente sinfônica, ou coral, e se sente se é seguida por uma orquestra: metáfora “ver” à parte, se busca juntos. Só então não é anatômica, ou atomização ou pulverização das coisas vivas e grandes, como pode acontecer graças às especializações modernas. Mais do que abstração ou interpretação interessada dos sentidos, a verdade é una, a pessoa completa e viva do Mestre, que se revelou aos discípulos com as palavras: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6).

## *2. Caminho, Verdade e Vida*

Nesta obra de Brian Grenier, aqui e ali se frisou mais de uma vez estas três características principais do Mestre como se fossem os seus carismas mais significativos: “caminho, verdade e vida”. O método de Tiago Alberione se refere essencialmente a este texto de Jo 14,6 tão rico de evocações teológicas.

Estamos de fato celebrando a última ceia, no cenáculo. Jesus está sozinho com seus discípulos (cf. Mc 14,14 // Mt 26,18 // Lc 22,11). A atmosfera é íntima e solene, mas também crítica. Os discípulos ainda não entenderam quem é o Mestre e lhe fazem perguntas ingênuas.

Chegou também a hora final: “Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1). Cada palavra pronunciada nesse contexto tem o sentido do adeus e, por conseguinte, de um testamento, o Novo Testamento. A palavra torna-se a própria identidade da pessoa que, por amor, quer se dar a nós como herança.

Na iminência da paixão e da cruz, mas também da ressurreição, o Mestre e Senhor (Jo 13,13-14) acabou de lavar os pés dos discípulos. As palavras “caminho, verdade e vida”, portanto, expressam também este ministério como mandamento permanente, além da síntese da própria vida.

Na cena pascal, o próprio Mestre se faz o pão da vida e o vinho da salvação, e além disso, o cordeiro pascal que é barbaramente imolado. Também a nova aliança é uma aliança de sangue, humano e divino desta vez.

O trinômio se enriquece com estes sabores da festa de adeus, e os discípulos têm a oportunidade de aprender, como num exame final, diplomando-se apóstolos, aprendendo a se fazer humildemente graça para os estranhos, como “cordeiros entre lobos” (Lc 10,3). Tiago Alberione, comentando este evento, fala de “ofertório paulino”: “Senhor, eu te ofereço... a mim mesmo, pequenina vítima” (*Orações da família paulina*).

Na linguagem mais evangélica de Alberione, o discípulo deve se formar Mestre (cf. Lc 6,40) completo, “caminho, verdade e vida”, tendo presente que estes três valores, ou modos de ser e fazer, são carismas, isto é, graça, à medida que são precedidos pela afirmação “Eu sou”, que no evangelho de João indica também a presença eterna de Deus (cf. Jo 8,24.28.58; 13,19). Com eles, o Mestre é nome completo, revelador de Deus mesmo. Com eles, os discípulos estão habilitados a se fazer dons de verdade e graça (Jo 1,14-17) universal para os que estão perto e para os que estão distantes, para os “judeus e para os gregos” (Gl 3,28), para os justos e para os pecadores (cf. Mt 9,13 // 2,17 // 5,32).

### *3. A família paulina*

Para Tiago Alberione, perto do fim de sua vida, “caminho, verdade e vida” se tornam método para interpretar unitariamente as suas fundações, a sua obra mais significativa e atual:

“No conjunto das quatro famílias paulinas está representado o Divino Mestre que apresenta aos homens a verdade, o caminho, a vida. A Sociedade de São Paulo, juntamente com as Filhas de São Paulo, representam Jesus que diz: “Eu sou a verdade”; as Pias Discípulas representam Jesus que diz: “Eu sou a vida”; as Pastorinhas representam Jesus que diz: “Eu sou o caminho”. As quatro famílias

se completam para alcançar o objetivo comum, salvar as almas” (Alberione, 23 de maio de 1954).

Estes três carismas são também três “disciplinas” distintas, três modos de fazer apostolado, mas que convergem no “Eu sou” do único Mestre e Senhor. Vamos vê-las um pouco mais de perto como pegadas de um caminho espiritual que é universal porque é evangélico.

#### 4. *O caminho*

Quando Jesus pronunciou a sua autorrevelação, talvez a mais completa, com as palavras: “Eu sou o caminho (em grego *hodos*), a verdade e a vida”, nas famílias de Jerusalém e de toda a Palestina se escutava a narração do Êxodo (em grego *ex-hodos*). Portanto o “caminho” ao Pai e de Deus aos homens que Jesus diz ser é atualização do Êxodo. Aqui está implicada toda a espiritualidade do Êxodo que é própria de Israel.

A metáfora do “caminho” evoca também a possibilidade de percorrer estradas por onde é impossível ir, e por onde Deus é guia que arrasta e abre caminhos para seu povo para partirem de uma casa de escravidão, no Egito, atravessando o mar (cf. Is 43,16) e o deserto rumo a uma Terra que é promessa, onde os escravos se tornam povo livre, de Deus e sem nenhum patrão.

O “caminho” já é aquele de Abraão, o errante movido por uma palavra que lhe foi dada já em idade avançada. Diversamente de Ulisses, o mito do homem da ciência que sempre retorna ao seu passado, à sua Ítaca e aos seus afetos, Abraão segue sempre adiante, guiado pela fé e também pela esperança de nova Terra e de novo povo, o seu.

Na Bíblia, o “caminho” já é aquele que leva ao novo, do seguir adiante, indo além do conhecido, do familiar, rumo ao absoluto. Mas é também a história da humanidade a caminho rumo à casa do Pai, a pátria que está nos céus (Hb 11,14-16).

Jesus é Caminho porque é itinerante e celebra todos os seus encontros na estrada: como com os primeiros discípulos (Mt 4,18);

os discípulos de Emaús (Lc 24,13-15); ou com Paulo na estrada de Damasco, a caminho para perseguir os seguidores do Caminho (Atos 9,2-5). Jesus é Caminho-guia, ou o bom pastor que caminha com as suas ovelhas (cf. Jo 10,4).

Esta metáfora do “caminho” que é o Mestre-guia dos seus discípulos evoca, para o Primeiro Mestre, sobretudo o apostolado (em grego *apostolé*), que literalmente significa “enviados” pela estrada para alcançar o mundo. Apostolado é a possibilidade, ou o mandamento, que o Mestre confiou aos seus discípulos de alcançar os homens da terra e caminhar à frente do cortejo rumo à unidade: para que no fim haja um só rebanho e um só pastor (Jo 10,16).

Sintetizando e esclarecendo, a “estrada principal” (*hodos*) está, para Tiago Alberione, contida em três palavras que devem ser explicadas continuamente quando se está na escola do único Mestre:

1. *Método* (em grego *met-hodos*) como o “caminho” do estudo para se chegar ao conhecimento científico e à sabedoria – que é Cristo (cf. 1Cor 1,17; 1,24; 1,30; Ef 1,17; Cl 3,16; 2Tm 3,15). O estudo é de importância primordial na vida, sobretudo de professor.

Se forem bem claros, se entendem bem as coisas, se penetram, se procuram recordar, se em substância estão convencidos da importância do estudo, farão muito bem. Far-se-á, de fato, quando se sabe. Uma lâmpada acesa de cem velas ilumina grande espaço, mas uma lâmpada de cinquenta ilumina somente metade; uma lâmpada de cinco velas basta somente para uma pessoa. Aqueles que têm pouca ciência iluminarão uma pessoa” (Alberione, 1934).

“O estudo é para a vida, a vida é para a eternidade; tudo é para Deus” (Alberione, fevereiro de 1935). “O que significa estudo? Significa compromisso. Deve nos acompanhar até a morte. Deve dar a todos o empenho de querer aprender coisas novas.

Na vida não podemos fazer sempre as coisas do mesmo modo. É preciso progredir a cada dia, aperfeiçoá-las a cada dia. Depois de vinte ou mais anos, não se deve estar no mesmo ponto do princípio. Nem se pode dizer: ‘já não sou estudante’. Estamos todos empenhados em aprender!” (Alberione, 1961).

2. *Êxodo* (em grego *ex-hodos*) como “caminho de saída” ou itinerário histórico da libertação entendida como um continuar seguindo, sair de casa, passar do velho ao novo, progredir sem se voltar para trás; proceder e andar com passos solenes, como Abraão na fé, rumo ao absoluto.

“O fervor é progredir todos os dias” (Alberione, 1933). “É necessário que o apostolado se torne cada vez mais sábio: vão em frente, progridam. Estamos em um mundo que ouve muito a civilização, o progresso e a técnica... Hoje, por intermédio do rádio, da imprensa, do cinema, se chega a uma alta cultura. É preciso crescer com o mundo! (Alberione, 1946).

“Um conceito, uma ideia... deve predominar em tudo: levar progresso. Se é preciso progredir todos os dias, mais ainda um ano deve ser progresso para nós. Para progredir, para voar para o alto, são necessárias duas asas: a humildade e a confiança” (Alberione, 1946).

3. *Sínodo* (em grego *syn-hodos*) “como convergência em uma mesma estrada”, como um seguir adiante, lento e solene, mas *juntos*, junto com um povo que se renova orientando-se segundo o Mestre que, em Jerusalém, não entra ao passo do cavalo de guerra, mas pacificamente, cavalgando um animal de carga (cf. Mt 21,2.5.7). Sinodalidade para Tiago Alberione é “cooperação” ou capacidade de não centralizar na própria pessoa postos ou cargos, para em vez disso trabalhar juntos, valorizando os carismas de todos para maior bem de todos. Ele escreve, por exemplo:

“Quando sai um belo livro, não se fala tanto do autor ou do impressor, nem do propagandista; diz-se: a família paulina pu-

blicou aquele livro. Esta maneira de se expressar indica que a família está *unida* e forma *uma só coisa*” (Alberione, dezembro de 1954).

“O apostolado da comunicação social exige um forte grupo de redatores, técnicos e propagandistas. Todos devem estar de acordo, como estão de acordo os artistas que apresentam uma bela obra. Quantas vontades e energias desconectadas, desorganizadas, se esgotam em desejos, em tentativas, em decepções. É preciso que, todos juntos, se prepare o pão do espírito e da verdade” (Alberione, abril de 1960).

[A família paulina] “deve conhecer as condições morais e espirituais de todas as almas: fiéis, infiéis, cristãos fervorosos, cristãos indiferentes, heréticos, honestos, desonestos, pagãos, adversários, almas eleitas, almas obstinadas; crianças, adolescentes, idosos; profissionais liberais, artistas, camponeses, operários, e assim por diante. A todos e a cada um deve prover o pão do espírito, partindo-o em largas fatias, e adaptando-o às necessidades de cada um” (Alberione, abril de 1960).

“O mesmo nacionalismo mal compreendido não foi e ainda não é, talvez, causa de cismas, heresias, aborrecimentos, empecilhos ao apostolado e ao ministério?” (Alberione, abril de 1960).

“O [nosso] espírito é universal. Vocês são enviados a uma cidade, a uma nação, a um continente? Vocês são enviados *ao mundo inteiro* para levar a palavra de Deus” (Alberione, fevereiro de 1961).

Concluindo, o “caminho” é uma metáfora literária, mas é também uma ética precisa do seguir a Cristo. Indica a necessidade de sempre caminhar seguindo os passos do mesmo Mestre, ainda ativo na história. Indica também que esta história não é necessariamente cíclica como um círculo que se fecha sobre si mesmo: é linear porque segue adiante. É uma espera construtiva do melhor que nos será dado. Quem segue sempre e tão somente o mesmo Mestre é orientado para

toda a verdade, como ao conhecimento mais autorizado do caminho de Casa, caminho para o Pai, a ser percorrido junto com todos, como companheiros peregrinos.

### 5. *A verdade*

A verdade nos torna a todos, professores e alunos, estudantes e mestres, simples colegas na escola do único Mestre, o Cristo. Em Jo 14,6 Jesus se identifica pessoalmente com a “verdade” (em grego *aletheia*). Por esta sua personalização, a verdade já não deve ser considerada uma ideia abstrata, uma simples analogia ou semelhança, ou metáfora das coisas, como uma pintura, uma foto ou uma estátua. A “ideia” é uma coisa perigosa, na medida em que, ao menos na origem, é semelhante a “ídolo” e oposta a “realidade”. Indica somente a imagem da realidade. Toda ideologia pode ser mais semelhante a uma idolatria do que indicar o caminho para Deus.

Ora, no seu raciocínio, o discípulo admite que o Mestre é “verdade”. Em que sentido? Como “revelação” autêntica, ou evidência, da existência e identidade de Deus, o Pai. O Filho é verdadeiro porque, sendo tal, revela o Pai, é mais do que uma imagem real e semelhante do Pai. Sua pessoa pertence a Deus, e antes mesmo que abra a boca para pronunciar a palavra de Deus, manifesta que é seu Pai. Por esta verdade-identidade com Deus, quem *vê* o Filho *vê* também o Pai (Jo 14,9). Isto é, a verdade é visível, evidência patente aos olhos humanos, como um discípulo que olha o Mestre sabe o que é a verdade.

A verdade se vê, ou se contempla, antes mesmo de ouvi-la do Mestre.

Exatamente por causa desta filiação de Deus, a “verdade” de Jesus o Mestre liberta (Jo 8,32). A liberdade, no Novo Testamento, é filiação de Deus (e fraternidade ou amizade com o Mestre: Jo 15,15; Mt 28,18), em oposição a escravidão de leis ou poderes humanos (Rm 8,15; 8,21; Gl 4,7; 4,31). Na escola deste rabino se aprende que ninguém, em nome de Deus, pode se considerar patrão ou servo de

qualquer seu semelhante, sendo todos colegas de classe que chegaram ao mesmo *status* ou dignidade do Mestre.

O Mestre, com a verdade, torna os seus discípulos semelhantes a ele e semelhantes a Deus.

Jesus é “verdade” também porque é exegese viva, interpretação autêntica de Deus: “Ninguém jamais viu a Deus: o Filho unigênito, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer (em grego *exegesato*)” (Jo 1,18).

A “verdade” é, pois, perfeita correspondência entre o dizer e o fazer e o ser de Deus. De fato, palavras e obras de Jesus são reveladoras de Deus, isto é, as mesmas que ele ouviu e viu em casa, no estado de “Eu sou” (cf. Jo 5,20; 5,36; 6,46; 8,38; 10,25; 10,32.37-38; 15,15). A palavra do Mestre é verdadeira porque é uma obra da misericórdia de Deus (cf. Jo 14,10-11).

Todas estas palavras evangélicas, verdadeiras porque são obras de salvação do próprio Deus, o Mestre as exige dos seus discípulos, para que eles também sejam santificados com a verdade (cf. Jo 17,17-19): “Em verdade, em verdade vos digo: quem crê em mim fará as obras que eu faço, e fará até maiores do que elas, porque vou para o Pai” (Jo 14,12).

O apóstolado que o discípulo cumpre em obediência ao mandamento do seu Mestre é fundamentalmente obra de verdade. É a caridade, ou a graça, da verdade (cf. Ex 34,6; Jo 1,14; 1,17).

A “verdade” de Jesus Mestre é ainda algo mais profundo do que fazê-la, como se intui de outros textos joaninos. Por exemplo: “Assim fala o *Amém*, a *Testemunha fiel e verdadeira*, o princípio da criação de Deus” (Ap 3,14; cf. Is 65,16 – *Amém*, o Deus fiel). Neste texto o Mestre e Senhor é “verdade” à medida que é o “*Amém*”, palavra hebraica que, diversamente da grega *aletheia*, exprime melhor a *fidelidade absoluta* de Deus à palavra dada. O Mestre é, portanto, verdadeiro, pois é o cumprimento das promessas de salvação de Deus; porque é “Jesus”, isto é, “Deus que salva”, ou Emanuel, “Deus-conosco”. É o verdadeiro rabi diante dos olhos dos seus discípulos (cf. Jo 1,38;

20,26), pois com a sua presença dá testemunho de que Deus mantém a sua antiga palavra de salvação a Adão e Eva (Gn 3,15), e repetida a Abraão (cf. 33,1).

O Mestre é verdadeiro pois, através dele, passa toda a fidelidade de Deus aos discípulos/as.

Algumas deduções práticas de Tiago Alberione a partir desta teologia evangélica, sobretudo joanina, é o discipulado entendido como um aprendizado contínuo da “verdade”, uma disciplina. Junto está a comunicação pessoal antes de ser verbal ou medial, de um/uma discípulo/a como representação ao vivo ou extensão existencial do Mestre; é como se a família paulina inteira fosse chamada a se tornar o audiovisual dele. Mais concretamente, apostolado, para Alberione, é se deixar transformar em “bocas” e “penas” de Deus:

“Vocês são as bocas do evangelho. Somente se o evangelho cair, cairá a sua missão” (Alberione, 1936).

“Sejamos bocas e penas de Deus, por Jesus Cristo, nosso Mestre” (Alberione, fevereiro de 1936).

“Que o compromisso maior seja voltado à alma para aumentar o espírito de fé; caso contrário nunca sairá da pena uma palavra de Deus... e de fé” (Alberione, 1961).

“O tinteiro dos escritores da fé é espírito divino; sua pena não escreve no papel, mas nos corações” (Alberione, janeiro de 1925).

Nesta última citação, como veremos mais abaixo, Tiago Alberione faz eco a um discípulo muito admirado por ele, a Paulo: “A nossa carta sois vós, carta escrita em nossos corações, reconhecida e lida por todos os homens. Evidentemente sois uma carta de Cristo, entregue ao nosso ministério, escrita não com tinta, mas com o espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações!” (2 Cor 3,2-3).

A “verdade” para o Primeiro Mestre, como para Jesus Mestre, não deve, pois, ser confundida com belas ideias ou belas imagens, ou belas vozes expressas, multiplicadas tecnicamente e difundidas

pelos meios mais modernos da multimídia. Nunca tanto quanto hoje existiu uma superevangelização tecnológica ou tecnotrônica! Esta é uma analogia ou imagem da “verdade” externa, por assim dizer, hipócrita, dos escribas, fariseus e sacerdotes do tempo do Mestre. Muitas vezes, essa “verdade” é somente um livro confeccionado e comercializado como um objeto. Ao passo que os discípulos/as são chamados/as à verdade pessoal, isto é, a se tornarem eles próprios para todo o mundo a manifestação do Mestre. A sua “verdade” é um carisma, possibilidade de se fazer graça dada gratuitamente com a própria vida, em tempo integral. A “verdade” de Jesus não é ofício do cientista, é ministério. Só é realmente levada à prática quando o discípulo se torna o Mestre, mudando radicalmente não a pele, mas a sua identidade mais profunda.

Para explicar este conceito, Tiago Alberione não encontrava nada melhor do que citar Paulo: “Eu vivo, mas *já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim*. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2,20) “Pois para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Fl 1,21).

É intimamente autêntico o discípulo que, tornando-se um só com Jesus, o Mestre, se torna também graça ou salvação de outros, em ministério específico de caridade, também utilizando os meios mais modernos:

“Virá o tempo em que, na porta dos conventos, em lugar da sopa se distribuirá o jornal, o livro, a palavra de Deus. E não lhes parece que seja no nosso tempo? Todo dia, quem maneja a pena, quem se dedica à técnica, quem faz catálogos, circulares, impressos variados, tenciona fazer aquilo que fez São Paulo: pregar a verdade... Por isso todo apostolado é obra de caridade” (Alberione, 1955).

“Como na porta dos conventos, em geral, no passado se distribuía sopa e se distribuía pão, como ainda se faz em tantos luga-

res, assim também na porta dos conventos é preciso distribuir a verdade. Aquilo de que o homem precisa: conhecer a Deus, conhecer o seu destino eterno” (Alberione, 1961).

“Também a Irmã que está no convento, se vive bem a sua vida religiosa, exerce grande influência: ela se torna como ímã, que não faz barulho, mas atrai muitas almas” (Alberione, 1954-1955).

Sobretudo nesta última citação, Alberione aponta para um tema que fará parte da formação permanente na família paulina: a “cristificação”.

Para Jesus, o Mestre, entretanto, as palavras, como as imagens e os sons dos seus discípulos, serão autênticas como as suas quando são “espírito e vida” (cf. Jo 6,63); quando alimentam como pão e vinho (cf. Lc 7,33-34; 1Cor 10,16; 11,26-28), quando iluminam como a luz do dia, como sol ou “luz do mundo” (Mt 5,14; Jo 8,12; 9,5; 11,9). Quando, pelo menos, não são instrumentos de escuridão, de poder ou de morte de outros.

## 6. A vida

Em Jo 14,6 o Mestre disse ser a “vida” (em grego: *zoê*) para aqueles que o seguem. O discipulado torna-se então uma *convivência* com o Mestre, a verdadeira nova aliança, expressa com a metáfora do ramo preso à videira: “Permaneçei em mim e eu em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo se não permanece na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim” (Jo 15,4).

Esta “vida” do Mestre, para o/a “vivente” dele, ou *con-vivente*, é *gênese*. A palavra grega usada em Jo 14,6 lembra, talvez também etimologicamente, a “geração”, isto é, a vida como criatividade. Faz lembrar a mulher do homem, “Eva”, o nome que significa “mãe de todos os viventes” (cf. Gn 3,20).

Definindo-se “vida”, o Mestre se manifesta como aquele por quem vivem todas as criaturas (cf. Jo 1,3-4).

Para o Mestre, é possível usar a metáfora “mãe” que “gera” ou regenera a nova vida. Por intermédio do Mestre, o discípulo/a se torna filho/a de Deus e herdeiro da casa do Pai, como o Filho. É este ensinamento que os discípulos conseguem entender quando, na última ceia, percebem com os seus ouvidos e os seus olhos a promessa de Jesus: “Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu vos teria dito, pois vou preparar-vos um lugar” (Jo 14,2).

Mas frequentemente o conceito, e a experiência da “vida” no Novo Testamento, é expresso por *bios*, que geralmente indica o nível biológico ou físico de uma existência. Por exemplo: “Pois todos os outros deram do que lhes sobrava. Ela porém [a viúva] na sua penúria, ofereceu tudo o que tinha, tudo o que possuía para viver (em grego *bios*)” (Mc 12,44; cf. Lc 15,12: “O pai dividiu *os bens* entre eles”; Lc 15,30: “devorou os *teus bens* com prostitutas”).

Vida é também vida física; e Jesus Mestre, que é “vida”, sacia a fome e cura de todo tipo de enfermidade milhares de pessoas. Exerceu o ministério da vida, isto é, do bem mais precioso que engloba todos os outros, até mesmo ressuscitando os mortos e tornando-se ele próprio ressurreição física dos seus amigos fraternos. “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá” (Jo 11,25).

A propósito de ser vida para os outros, o Mestre diz, falando de si: “Eu sou o pão vivo descido do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo” (Jo 6,51; cf. Jo 6,27 e 33).

Na última ceia (cf. Jo 13-14), ele se faz aquele pão cheiroso e aquele vinho embriagador para os seus. Ele é também a água saciadora de fonte: “Mas quem beber da água que eu lhe darei nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte jorrando para a vida eterna” (Jo 4,14). Portanto, ele conclui, ensinando a si mesmo: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim nunca mais terá fome, e o que crê em mim nunca mais terá sede” (Jo 6,35).

As passagens como estas com o tema Mestre-vida se multiplicam sobretudo no evangelho de João. Assim, o Mestre é vida porque é luz: “Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens”(1Jo 1,4). Quem se expõe à sua luz com fé tem a vida eterna (Jo 3,15), isto é, vive sempre na luz do dia.

Uma explicação do Mestre-vida está no fato de que ele é o mais verdadeiro Filho de Deus. “Pois Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16; cf. também 3,36; 5,24). “Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter a vida em si mesmo” (Jo 5,26).

O Mestre é vida de Deus vivificando este mundo.

A sua palavra-luz, que é uma só coisa com a vida do Mestre, pode ainda ser expressa com a metáfora da maternidade, isto é, de uma capacidade de regenerar (em grego *gennaio*) para uma vida nova e eterna porque é do próprio Deus (cf. Jo 1,13; 3,3-8; 16,21-22; Jo 18,37).

É o Mestre que gera o seu discípulo em batismo de água e espírito (cf. Jo 1,33): “Este é o que veio pela água e pelo sangue: Jesus Cristo, não com a água somente, mas com a água e o sangue. É o espírito que testemunha porque o espírito é a verdade” (2Jo 1,5-6).

Paulo também fala do seu ministério de modo semelhante, quando, por exemplo, escreve aos coríntios. “Com efeito, ainda que tivésseis dez mil pedagogos em Cristo, não teríeis muitos pais, pois fui eu que pelo evangelho vos gerou (em grego *gennaio*) em Jesus Cristo” (1Cor 4,15). Em outra passagem, com o mesmo auditório, utiliza a imagem do leite materno: “Dei-vos a beber leite, não elemento sólido, pois não o podíeis suportar. Mas nem mesmo agora podeis, visto que ainda sois carnis” (1Cor 3,2). Também não tem receio algum de ser mal compreendido pelos tessalonicenses apresentando-se com sentimentos femininos: “apresentamo-nos no meio de vós cheios de bondade, como uma mãe que acaricia os seus filhinhos”(1Ts 2,7).

Portanto o dom do Mestre a quem frequenta a sua escola e vive nela é o cristianismo ou messianismo, porque é ele mesmo. Para ele, ensinar significa doar-se inteiramente, fazendo-se coisa, como pão, vinho, água, luz – usando criaturas de Deus como metáforas expressivas de vida.

Tiago Alberione toma consciência dessa realidade de ser mudado sobretudo falando da eucaristia e da oração, mas também da espiritualidade da mulher e da sua família religiosa, como de realidades indispensáveis para não serem mortos, talvez interpretando o voto de castidade como esterilidade apostólica.

A lista de textos que segue ilustra cronológica e amplamente, embora com lacunas por causa do problema do espaço, um comentário original da afirmação do Mestre-vida:

“O sacerdote sem a mulher perderia três quartos da sua influência na sociedade... E este é o vínculo estreitíssimo que une o sacerdote e a mulher: a vocação comum” (Alberione, 1912).

“A formação é necessária para que vivamos de J[esus] C[risto]: *donec formetur Christus in vobis*, e com maior razão quando se deve ser forma para os outros, *forma facti gregis ex animo* (1Pd 5,3). A formação deve se moldar no Divino Mestre: trinta anos de vida privada” (Alberione, fevereiro de 1932).

“O processo de santificação é processo de ‘cristificação’: ‘até que seja formado o Cristo em vós’. Por isso seremos santos à medida que vivemos a vida de Jesus Cristo; ou melhor, de acordo com a medida que Cristo vive em nós: ‘*Christianus alter Christus*’ e é aquilo que São Paulo diz de si mesmo: “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Alberione, 1934).

“É preciso que exista sempre e verdadeiramente, cada dia da vida, a oração, como sempre se toma o alimento, como sempre se respira” (Alberione, 20 de agosto de 1937).

“As almas que realmente progridem no caminho do espírito são de imenso proveito... irradiam calor e fervor espiritual que con-

servam no coração, pois é impossível ser quente e não aquecer ao seu redor” (Alberione, outubro de 1941).

“Se alguém trabalha para ganhar o pão, isso é coisa boa, mas é coisa melhor trabalhar para ganhar e distribuir o pão da vida eterna, o pão da verdade” (Alberione, fevereiro de 1952).

“A família paulina aspira a viver integralmente o evangelho de Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida... Nela não há muitas particularidades nem devoções individuais, nem excesso de formalidades, mas se busca a vida em Cristo e na Igreja... Por isso esteja sempre claro o pensamento de se inserir como oliveiras selvagens na oliveira vital, Cristo-eucaristia; de pensar e se nutrir de cada frase do evangelho, segundo o espírito de São Paulo...” (Alberione 1953).

“É sério compromisso [de todos] de tender ao ‘*Vivit vero in me Christus*’... O homem é sempre discípulo de Deus e o próprio Deus é o grande Mestre do homem, por intermédio de suas obras *ad extra*: a criação... a história humana... o dom da razão... a revelação... a continuação do Espírito Santo na Igreja” (Alberione, abril de 1960).

“Caridade é amar Jesus Cristo: Ele é a vida. E é a videira; os ramos dão frutos se estiverem unidos à vinha, na qual buscam a seiva vital” (Alberione, janeiro de 1963).

Em outra das numerosas sínteses a respeito de Jesus o Mestre, Tiago Alberione prega e ensina seus discípulos a pregar:

“Que todos vos sigamos, ó Jesus Verdade, venerando e estudando os dogmas. Que todos vos sigamos, ó Jesus Caminho, venerando e praticando os vossos preceitos. Que todos vos sigamos e vivamos, ó Jesus Vida, praticando a união convosco. Que sejamos os ramos vivos da videira, que sois vós: enxertados em vós pelos Sacramentos, os sacramentais e a oração” (Alberione, abril de 1947).

Em suma, as três palavras “caminho, verdade e vida”, importantes porque revelam intimamente o Mestre, devem ser consideradas descrições adequadas e sempre válidas também para os discípulos(as) de hoje. Tiago Alberione pode assim articular em três partes o seu método espiritual que compartilha com os homens e as mulheres do seu tempo, como se pode compartilhar uma disciplina que é puramente evangélica. Este é o seu método de evangelização, ou cristificação: a) quem é chamado deve responder honestamente ao bom pastor, que diz ser o “caminho”, tornando-se seguidor(a), isto é, pessoa capaz de se pôr em movimento atrás do Mestre e de entrar no seu ritmo, vivendo concretamente o apostolado como caminhada de itinerantes, no dever de chegar e fazer chegar aos de longe o Mestre em pessoa; b) ao Mestre, que se autodefine a “verdade”, se responde fazendo-se discípulos, ou alunos, ou aprendizes, isto é, estudantes curiosos em período integral, na escola da verdade ou da Palavra – em formação permanente; c) ao sacerdote, que diz ser a vida mesma para os seus, se responde vivendo dele, ou como *conviventes*, profundamente unidos a ele, à semelhança do ramo que se faz um com a videira; estamos vivos enquanto nos nutre do pão da vida e do cálice da salvação, enquanto nos deixamos iluminar pela presença eucarística, ou enquanto respiramos diariamente com a oração o hálito vivificador do Ressuscitado.

Estes atos de fidelidade e de confiança em Deus asseguram a pertença sem limite a Deus, que é vida eterna.

No capítulo que se segue, observaremos de perto uma “forma” ou modelo particular de vida cristã e apostólica. Conheceremos melhor um “discípulo” de Jesus o Mestre, mas um discípulo que esteve fora do colégio apostólico e não frequentou os seus cursos regulares. Examinaremos mais de perto Paulo, que fascinou particularmente Tiago Alberione e não pode faltar ao mundo de hoje. Faremos uma lista de ensinamentos práticos que podem ajudar discípulos(as) ou simplesmente cristãos de hoje, em uma mudança radical de seu modo de pensar, ser e agir.

### 3. COM PAULO PARA MUDAR O MUNDO

O fio condutor do pensamento de Tiago Alberione, como o descrevemos até agora, juntamente com o evangelista João, é Paulo, o apóstolo dos gentios. Ambos nos transmitiram o evangelho não somente de viva voz, mas também com seus escritos. Foram escritores.

#### 1. *Paulo vivo hoje*

Este é um primeiro ensinamento para Tiago Alberione, pode-se evangelizar publicando.

Não citaremos aqui todas, nem as principais coisas que Tiago Alberione publicou a respeito de Paulo. Seja suficiente um trecho, mas que é como um tratado que resume uma espiritualidade particular na Igreja de hoje:

“A vida da família paulina veio toda ela da Eucaristia; mas foi transmitida por São Paulo. Da Eucaristia porque Jesus é a vida, mas para entrar em nossos corações a santa Hóstia precisa ser levada. E foi São Paulo quem realizou esta obra de comunicar a vida de Jesus Cristo... E o nosso pai São Paulo: *‘in Christo Jesu per evangelium ego vos genui’*. Tudo é dele. O Instituto foi inspirado por ele. É ele o seu pai, sua luz, seu protetor, seu Mestre, tudo... Os filhos têm a vida do pai; por isso vivam como ele... A família paulina, composta de muitos membros, deve ser São Paulo vivo hoje em um corpo social. A família paulina é suscitada por São Paulo para continuar a sua obra; é São Paulo vivo, mas que hoje é composta de tantos membros. Não fomos nós que escolhemos São Paulo; foi ele que nos escolheu e nos chamou. Quer que façamos aquilo que ele faria se vivesse hoje. E se vivesse, o que faria? Cumpriria os dois grandes preceitos, como soube cumpri-los. Amar a Deus com todo o coração, com todas as forças, com toda a mente; e amar o próximo sem se poupar nada, porque ele viveu Cristo: *‘Vivit vero in me Christus’*. Ele adotaria os mais

altos púlpitos levantados pelo progresso moderno: imprensa, rádio, cinema, televisão; as maiores descobertas da doutrina de amor e de salvação: o evangelho de Jesus Cristo. São Paulo se fez para nós como *“forma”*. Quando se coloca uma forma na máquina para imprimir, as folhas que passam pela máquina são impressas de acordo com a forma preparada. Ou em outras palavras, quando se fazem as estatuetas se coloca na forma gesso ou estuque que imita o mármore, e está pronta a estátua que desejávamos” (Alberione, 1955).

As “estátuas” que Tiago Alberione forma não são Paulo, Jesus o Mestre que é o original, o exemplo. Mas Tiago Alberione quis caminhar, e ensinou a caminhar pelo mundo como o grande caminheiro dos primeiros tempos da Igreja. Quis também que, mais do que a Pedro ou a qualquer outro discípulo, paulinos e paulinas se assemelhassem muito a Paulo, preocupando-se somente em percorrer os próprios caminhos, com uma fidelidade absoluta ao Mestre. Exatamente como Paulo, que não encontra a síntese do seu ministério apostólico nem em si mesmo, nem em Pedro, e menos ainda em qualquer pregador que dissesse “Eu sou o Cristo”. O Mestre, o único, havia prevenido já os primeiros discípulos: “Pois muitos virão em meu nome, dizendo: ‘O Messias sou eu’ e enganarão a muitos” (Mt 24,5). Devemos preferir sempre quem, como João, o Precursor, pensa diversamente: “Ele confessou, e não negou; confessou: ‘Eu não sou o Cristo’ ” (Jo 1,20). Ninguém substitui o Mestre, nem Pedro, e a uma Igreja dividida em nome de homens Paulo propõe com garbo: “Por conseguinte, ninguém procure nos homens motivo de orgulho, pois tudo pertence a vós: Paulo, Apolo, Cefas, o mundo, a vida, a morte, as coisas presentes e as futuras. Tudo é vosso; mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus” (1Cor 3,21-23). Os paulinos e paulinas poderiam ser, por carisma, um pouco “protestantes”, mas somente tanto e como Paulo.

## 2. De Jerusalém a Damasco

Nas suas longas viagens, Paulo deixou grandes pegadas e muitas podem ser seguidas ainda hoje, começando a procurá-las na estrada *de Jerusalém a Damasco* (Atos 9,1-19; 22,6-16; 26,12-18).

Neste percurso, Saulo (em hebraico, “pedido” a Deus na oração) torna-se somente Paulo (em grego, *de pouca importância*). De acordo com muitos estudiosos, todas as 13 cartas que foram escritas depois deste acontecimento são uma explicação e fundamentalmente descrevem esta conversão de fariseu ou mestre em Israel em discípulo, ou de religioso perfeito em cristão apóstolo.

Ao contrário dos Doze, o pequeno Saulo, que aprendera aos pés de Gamaliel, teve como verdadeiro Mestre somente o Cristo ressuscitado, vivo após a morte, e não o Jesus “segundo a carne” (cf. 2Cor 5,16). Talvez por isso já não coloca a sua confiança nem o seu orgulho na “carne”, mesmo se com esta palavra ele passa a designar a sua própria pertença a um povo religioso, à raça, à circuncisão, à aliança de Abraão e de Israel, e por conseguinte, às suas leis e às suas tradições.

Como discípulo do Ressuscitado, que já supera aquelas coisas vencidas com a cruz à medida que fora condenado e abandonado precisamente em nome da lei, Paulo adquire uma visão teológica nova. Nela, a lei, que é santa e permanece tal se se cumpre em Cristo, agora conta muito pouco se serve para armar com a força a mão do carniceiro ou para forrar de segurança ou de excessiva justiça a mente de quem condena o inocente à cruz.

Paulo compreendeu que o evangelho é terapia e vida para o mundo.

Escrevendo, por exemplo, aos novos cristãos de Filipos, confessa o seu credo cristão de uma maneira radical:

“Escrever-vos as mesmas coisas não me é penoso e é seguro para vós. Cuidado com os cães, cuidado com os maus operários, cuidado com os falsos circuncidados! Os circuncidados somos nós,

que prestamos culto pelo Espírito de Deus e nos gloriamos em Cristo Jesus e não confiamos na carne. Aliás, eu poderia até confiar na carne”. Se algum outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado no oitavo dia, da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus; quanto à Lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça que há na Lei, irrepreensível. Mas o que era para mim lucro eu o tive por perda, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor. Por ele, eu perdi tudo e tudo tenho como esterco, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo a justiça da Lei, mas a justiça que vem de Deus, apoiada na fé, para conhecê-lo, conhecer o poder da sua ressurreição e a participação dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte, para ver se eu alcanço a ressurreição de entre os mortos. Não que eu já o tenha alcançado ou que já seja perfeito, mas vou prosseguindo para ver se o alcanço, pois que também já fui alcançado por Cristo Jesus. Irmãos, não julgo que eu mesmo o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo o que fica para trás e avançando para o que está diante, prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação para o alto que vem de Deus em Cristo Jesus” (Fl 3,1-14).

Os “caminhos” aprendidos por Paulo (cf. 1Cor 4,17; 1Ts 3,11), embora sendo muitos, mandam, todos eles, para a frente, ao futuro livre e alto, superando toda reclusão, mesmo religiosa, que não seja a única escravidão ao Cristo Mestre e Senhor (cf. 1Cor 7,22; 9,27); todos convergem no amor (em grego *ágape*), a mais excelente de todas as vias (cf. 1Cor 12,31).

Este “amor” para o ex-fanático e ex-fundamentalista Saulo, que teria matado quem, como Estêvão, era considerado herético pela hierarquia, na escola do Ressuscitado se transforma em princípio de unidade espiritual e de liberdade entre os povos. “Pois fomos todos batizados num só espírito, judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só espírito” (1Cor 12,13). Reformulado de maneira

um pouco diversa, esta comunicação às nações se torna princípio de igualdade, ou de reconhecimento da dignidade de toda pessoa humana: “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28).

Portanto, na estrada de Damasco, para a qual se dirigia com intenções de perseguir, armado desde Jerusalém com o direito de raça e de religião, se torna agora o arauto do direito do mundo à salvação. Ele é o discípulo que mais demonstrou crer na universalidade do ensinamento e na pessoa de Cristo.

Esta universalidade do “convertido”, da religião à fé em Cristo, foi talvez o que mais deslumbrou Tiago Alberione, que costumava repetir o *slogan* de uma identidade que sempre deve ser igualada: *cor Pauli cor Christi*. O coração de Paulo é apostólico como o do Senhor ressuscitado. O mundo, também o de hoje, é todo convocado à escola do único Mestre.

### 3. Ensinamentos práticos para um manual de disciplina

A escola fundamental de Paulo foi também a estrada que de Jerusalém o levava a Damasco. Mas aqui não conheceu somente o Mestre vivo e verdadeiro. Ele aprendeu também que era necessária uma mudança radical.

A formulação deste dever de mudar completamente as raízes do ser, o eu, está expressa de várias maneiras que poderiam constituir pontos fundamentais de um manual ou um itinerário da conversão à liberdade cristã. Para Paulo, é necessário passar:

a) *da letra ao espírito*: “Foi ele que nos tornou aptos para sermos ministros de uma aliança nova, não da letra, e, sim do espírito, pois a letra mata, mas o Espírito comunica a vida” (2Cor 3,6). Parece uma norma hermenêutica, e como tal poderia valer também na interpretação de todo e qualquer escrito legal ou teológico, também na Igreja de hoje (cf. Rm 2,9; 7,6; 2Cor 3,3; 2Ts

2,2). É espiritual, portanto verdadeiro, tudo aquilo que serve à vida, ou dá vida a outros.

b) *da lei ao Espírito*: “A Lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te libertou da lei do pecado e da morte” (Rm 8,2; 8,4; Gl 3,2; 3,5). “Mas se vos deixais guiar pelo Espírito, não estais debaixo da Lei” (Gl 5,18).

c) *da sabedoria do mundo à loucura da cruz*: “Com efeito, visto que o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus, aprouve a Deus pela loucura da pregação salvar aqueles que creem” (1Cor 1,21; cf. 1,25). “Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios, e, o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte” (1Cor 1,27). “Ninguém se iluda: se alguém dentre vós julga ser sábio aos olhos deste mundo, torne-se louco para ser sábio” (1Cor 3,18; cf. 4,10).

d) *das obras da lei às obras da fé, isto é, ao ágape*. Não se trata de uma pura e simples passagem da teoria à prática, do dizer ao fazer. Também o fazer, aparentemente mais religioso e correto, pode ser hipocrisia e não verdade. “Onde está então o motivo de glória. Fica excluído. Em força de que lei? A das obras? De modo algum, mas em força da lei da fé” (Rm 3,27; cf. 3,28; 3,31). “Sabendo entretanto que o homem não se justifica pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, nós também cremos em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé em Cristo, e não pelas obras da lei, porque pelas obras da lei ninguém é justificado” (Gl 2,16; 3,2). As obras, inclusive aquelas legais e religiosas, pois, como a oração ou a profecia-ensino, também segundo o Mestre são insuficientes para serem consideradas verdadeiras por ele: “Nem todo aquele que me diz ‘Senhor, Senhor’ entrará no Reino dos céus, mas

sim aquele que pratica a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não foi em teu nome que profetizamos e em teu nome que expulsamos demônios, em teu nome que fizemos muitos milagres?’” (Mt 7,21-22). Traduzindo este ensinamento do Mestre para um semelhante ao de Mt 25,31-46 sobre o juízo universal, Paulo aproveita a oportunidade para fazer uma autoavaliação: “Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa ou como um címbalo que tine. Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda ciência, ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar os montes, se não tivesse a caridade, eu nada seria. Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso de nada me adiantaria” (1Cor 13,1-3). Esta é, pois, a importante passagem da teoria ortodoxa do sacerdote e do levita àquela que poderia ser considerada uma prática herética da misericórdia, como a relação compassiva e gratuita do samaritano com o ferido no caminho de Jericó (Lc 10,30-35). Aqui é a obra da verdade, que não é mero saber teológico ou correção dogmática. Em termos paulinos, “a ciência exata incha; é a caridade que edifica” (1Cor 8,1), “Pois em Cristo Jesus nem a circuncisão tem valor nem a incircuncisão, mas a fé, agindo pela caridade” (Gl 5,6).

e) *da força à fraqueza*: “Pois... o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens” (1Cor 1,25). “O que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte” (1Cor 1,27; cf. 4,10; 8,10; 2Cor 10,1-4.10). “Por isto, eu me comprazo nas fraquezas, nos opróbrios, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por causa de Cristo. Pois, quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10; 13,3-4.9).

f) de rico a pobre: “Com efeito, conheceis a geração de Nosso Senhor Jesus Cristo, que por causa de vós se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com a sua pobreza” (2Cor 8,9 cf. 8,2). Esta é talvez uma tradução do ensinamento de Jesus: “Então ele, sentando-se, chamou os Doze, e disse: Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último e aquele que serve a todos” (Mc 9,35). Entre senhores, ricos e poderosos, dos primeiros lugares, o Mestre convida os seus a buscar o último lugar. Ensina a real humildade de Deus. O Mestre, com sua própria existência de homem, derrubou a relação Senhor-servo: “humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz!” (Fl 2,8). De Deus a homem, a servo que lava os pés dos seus discípulos, o Mestre e Senhor torna-se caminho seguro de quem tem a autoridade rumo à exaltação e a glória: “Por isso Deus o sobreexaltou grandemente e o agraciou com o Nome que é sobre todo nome” (Fl 2,9).

g) *da escravidão à liberdade*: “Cristo nos remiu da maldição da Lei tornando-se maldição por nós, porque está escrito: Maldito todo aquele que é suspenso no madeiro” (Gl 3,13). “É pela liberdade que Cristo nos libertou; permaneci firmes portanto e não vos deixeis prender de novo ao jugo da escravidão” (Gl 5,1). “Vós fostes chamados à liberdade, irmãos. Entretanto que a liberdade não sirva de pretexto para a carne, mas, pela caridade, colocai-vos a serviço uns dos outros” (Gl 5,13). “Aí não há mais grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre, mas Cristo é tudo em todos” (Cl 3,11). “Pois o Senhor é o Espírito, e onde se acha o Espírito do Senhor, aí está a liberdade (2Cor 3,17). Para as instruções de uso desta liberdade talvez seja necessário ler ainda Rm 6,18. 20,22; 7,4; 8,2.21; 15,31; 1Cor 7,21,22; 8,9; 9,1.19; 10,29; 12,13; 2Cor 1,10; Gl 2,4; 3,28; 4,22-31; Ef 2,18; 3,12; 6,8; 6,19; 1Ts 1,10; 2Ts 3,2; 2Tm 3,11; 4,7-18.

h) *de carnal a espiritual* “a fim de que o preceito da Lei se cumprisse em nós que não vivemos segundo a carne, mas segundo o espírito” (Rm 8,4). “Com efeito, os que vivem segundo a carne desejam as coisas da carne, e os que vivem segundo o espírito, as coisas que são do espírito. De fato, o desejo da carne é a morte, ao passo que o desejo do espírito é vida e paz” (Rm 8,5-6). “Vós não estais na carne, mas no espírito se é verdade que o Espírito de Deus habita em vós, pois quem não tem o Espírito de Cristo não pertence a ele” (Rm 8,9) e “se viverdes segundo a carne, morrereis, mas se pelo Espírito fizerdes morrer as obras do corpo, vivereis” (Rm 8,13; cf. 1Cor 3,1; 5,5; 9,11; 2Cor 3,3; 7,1). “Sois tão insensatos que, tendo começado com o espírito, agora acabais na carne?” (Gl 3,3; cf. 4,29; 5,16). “Quem semear na sua carne, da carne colherá corrupção; quem semear no espírito, do espírito colherá a vida eterna” (Gl 6,8). “Pois a carne tem aspirações contrárias ao espírito, e o espírito contrárias à carne. Elas se opõem reciprocamente, de sorte que não fazeis o que quereis” (Gl 5,17; cf. Ef 6,12; Cl 2,11.18; Fl 3,3).

i) *de exterior a interior*: “Por isto não nos deixemos abater. Pelo contrário, embora em nós o homem exterior vá caminhando para a sua ruína, o homem interior se renova dia a dia” (2Cor 4,16). “Eu me comprazo na Lei de Deus, segundo o homem interior” (Rm 7,22). “Para pedir-lhe [a Deus] que ele conceda, segundo a grandeza de sua glória, que vós sejais fortalecidos em poder pelo seu Espírito no homem interior” (Ef 3,16). Esta conversão é particularmente significativa para pessoas que se dedicam ao ensino por meio da comunicação social. É manifestação de coisas escondidas e profundas, mas sem superficialidade ou banalização da realidade.

j) *do velho ao novo*: “Agora, porém, estamos livres da Lei, tendo morrido para o que nos mantinha cativos, e assim podermos

servir em novidade de espírito e não na caducidade da letra” (Rm 7,6). “Sabendo que nosso velho homem foi crucificado com ele para que fosse destruído esse corpo de pecado e assim não sirvamos mais ao pecado” (Rm 6,6).

k) *da morte à vida*: “Se com efeito, pela falta de um só a morte imperou através deste único homem, muito mais os que recebem a abundância da graça e do dom da justiça reinarão na vida por meio de um só, Jesus Cristo” (Rm 5,17; cf. 5,10; 5,21). “Pois pelo batismo fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós tenhamos vida nova” (Rm 6,4; cf. 6,23; 7,10). “A Lei do Espírito da vida de Cristo Jesus te liberou da lei do pecado e da morte” (Rm 8,2). “De fato, o desejo da carne é a morte, ao passo que o desejo do espírito é vida e paz” (Rm 8,6; cf. 8,11; 8,38ss; 1Cor 3,22; 2Cor 2,16). “Incessantemente e por toda parte, trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus a fim de que a vida de Jesus seja também manifestada em nosso corpo” (2Cor 4,10; cf. 4,11-12; 7,3). “Foi manifestada agora pela aparição de Nosso Salvador o Cristo Jesus. Ele não só destruiu a morte, mas também fez brilhar a vida e a imortalidade pelo evangelho” (2Tm 1,10).

l) *de terrestre a celeste*: “Assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos a imagem do homem celeste” (1Cor 15,49; cf. 15,48). “Tanto assim que gememos pelo desejo ardente de revestir por cima da nossa morada terrestre a nossa habitação celeste” (2Cor 5,2; cf. Gl 4,26; Fl 3,14).

m) *da corrupção à incorruptibilidade*: “Digo-vos irmãos: a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus nem a corrupção herdar a incorruptibilidade” (1Cor 15, 50). “Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e

que este ser mortal revista a imortalidade. Quando, pois, este ser corruptível tiver revestido a incorruptibilidade e este ser mortal tiver revestido a imortalidade, então cumprir-se-á a palavra da Escritura: A morte foi absorvida na vitória” (1Cor 15,53-54).

Em conclusão, quisemos utilizar uma lista alfabética, ainda que incompleta, a fim de sintetizar alguns ensinamentos práticos do “doutor das nações na fé e na verdade” (1Tm 2,7). Elas se ligam umas às outras como estradas principais e becos que se interseccionam para no fim se reunirem em um só verdadeiro caminho, o Cristo Mestre. Redigimos a lista desta forma, não para fixá-la em sequência lógica e progressiva, a qual, por sua vez, deve ser construída a partir da própria condição de discípulo/a, mas porque o alfabeto, o “alfa-ômega” é uma bela metáfora do Mestre, que se adapta bem a todas as línguas, até mesmo a uma língua leiga como a grega (cf. Ap 1,8; 21,6; 22,13) ou a latina. Deduzimos daí que todo alfabeto, inclusive o nosso, será útil para ler, interpretar e ensinar a palavra de Deus, como para construir uma agenda. A metáfora o “alfa-ômega” é útil, além das aparências, para reconhecer nas antíteses não somente o sentido grego da oposição e do conflito, mas também o sentido semítico da totalidade. O percurso indicado por Paulo vai do início ao fim até a perfeição.

Nesta lista ele nos aparece como um mestre de antíteses. Estas sofisticadas figuras de estilo, úteis sobretudo de maneira incisiva e sinteticamente às coisas mais importantes, resultam muitas vezes em contraposições com o modo corrente de pensar do mundo; talvez também ao nosso. Expressam um contraste latente entre a única fé e as muitas culturas do “eu” ou do “nós”; ou mais simplesmente, entre o evangelho na forma proclamada por Paulo e os inúmeros valores em moda (como “ciência” e “sapiência” ou “lei” e “justiça”, “ordem constituída”) terrestres e externos, ou carnavais, ainda úteis apenas para manter vivo o velho Adão. Com as antíteses — calculam-se quase 300 nas 13 cartas — Paulo descreve percursos inteiros intelectuais e espirituais para levar os crentes de hoje de um polo a outro, isto

é, a uma mudança radical. Paulo é um professor dinâmico porque coloca quem o lê na estrada junto com ele, “enviado” especial, os valores das escolas ou dos pensadores de hoje, a fim de que possam assim ser submetidos à verificação destas inúmeras chaves de leitura ou pontos de partida. Se estiverem por demais afirmadas, isto é, verdadeiras somente porque foram institucionalizadas na metáfora da cidade “santa”, então, como Jerusalém para Paulo, poderiam se tornar para nós o ponto de partida de uma nova viagem. Paulo nos impele a tornar a percorrer hoje o seu itinerário rumo a Damasco. Aqui poderemos ficar leves sem bagagem, como modernos e mansos discípulos da Vida, que vivem do verdadeiro Mestre. Poderemos alcançar a perfeição de Deus — do Pai que faz chover a água da purificação e brilhar o sol do dia sobre tudo e todos, justos e injustos indistintamente (cf. Mt 5,4-5).

Padre Alberione propõe novamente estes ensinamentos paulinos — ou evangélicos — aos homens do seu tempo, privilegiando quem ensina com todas as técnicas e com conteúdo abstrato, a pessoa, antes da doutrina. Diariamente, a escola se renova em um relacionamento pessoal e sinodal com o Mestre — que é o mesmo ontem, hoje e nos séculos (Hb 13,8).